

Título: DEPOIS QUE ME MATASTE, VOLTEI PARA TE AMAR

Personagens: O AVÔ - Don Afonso Pascoal
A FILHA - Lívia
O NOIVO - Adalberto
O NETO - Eduardo
A TIA - Mercedes

Autor: Fernando W o r m

Cenário: Dois praticáveis.

I ATO - QUADRO I

EDUARDO - Amor, você imaginou que aquele encontro na Igreja ia dar em alguma coisa?

LÍVIA - Não. Nunca imaginei.

EDUARDO - Também não. Estavas linda naquele vestido azul, todo rendado. Passei por você duas vezes, você nem ligou.

LÍVIA - Você que pensa, amor. Eu estava cuidando seus movimentos. Os seus olhos. Quando você parou no carroussel... e me olhou.

EDUARDO - Na terceira vez que passei, você me deu um sorriso muito tímido, aí não resisti, fui falar contigo. Minha tia chegou em seguida, sabe o que ela disse? Que evitasse qualquer aproximação porque eras filha de D.Pascoal.

LÍVIA - E você?

EDUARDO - Disse que não tinha nada a ver. Simpatizava contigo, o resto não interessava. Ela avisou que eu estava mexendo em casa de marimbondos. Depois foi a vez de mamãe me censurar. Papai soube do nosso encontro dias depois e disse: Afasta-te dela! Sabes que somos inimigos daquela família. Nenhum de nós te apoia. Não sabes nem a metade do que o velho Pascoal é capaz.

LÍVIA - E você, o que disse?

EDUARDO - Nada. Papai é durão. Qualquer coisa que eu dissesse ia dar briga. E é difícil a gente esconder que ama, não é? É o mesmo que comer bergamota numa sala fechada.

LÍVIA - Eu sei. No princípio relutei em aceitar nosso namoro. Pai também é brabo e essa briga entre nossas famílias é antiga. Duas vezes - tei romper contigo mas, não consegui. A voz trancava na garganta. Lembra va teu carinho, teus olhos, tua boca e pronto! Não conseguia.

EDUARDO - Sabes de uma coisa? Os rugidos da tua família e da minha não me assustam. A desavença é entre eles. Não tem nada a ver conosco.

LÍVIA - O que sinto crescer em mim também vence qualquer medo. (2)

EDUARDO - Às vezes eu te achava diferente, com um brilho estranho no olhar. Sabes qual o dia que me apaixonei por ti?

LÍVIA - Qual?

EDUARDO - Quando dançaste aquela música espanhola lá no clube. Estavas linda, linda. Dançavas divinamente.

LÍVIA - A professora me ensinou aqueles passos de dança. Olha só...(dança)

EDUARDO - Bravo |: Ninguém dança como você.

LÍVIA - Eu te amo tanto.

EDUARDO - Meu amor.

LÍVIA - Aqui é muito arriscado. Temos que nos encontrar em outro lugar. Papai pode chegar de repente e ...

EDUARDO - De qualquer forma volto amanhã à noite. Certo. (Sai)

(Após alguns instantes, entra D. Afonso)

D. AFONSO - Que é que você está fazendo aqui?

LÍVIA - Nada.. nada... tomando ar... É que... não me sinto bem...

D. AFONSO - Também acho que você não está nada bem. Nos últimos tempos anda muito esquisita, arredia... Que é que anda acontecendo, hein?

LÍVIA - Nada.

D. AFONSO - Há por aí um rumor muito estranho, até inacreditável. Você deve saber do que se trata.

LÍVIA - Não sei de nada.

D. AFONSO - Botei prá rua um empregado nosso que andou falando nesse assunto. Alguém me disse ter visto você conversando com o filho dos Castanhede. Claro, não acreditei. Isso é tão impossível que eu discuti com essa pessoa. Quero que você desminta tudo. Não posso imaginar que você, filha única de Don Afonso Pascoal, senhor da fazenda 'Boa Vista de Santa Fé da Paraíba' ouse uma barbaridade dessas. É uma hipótese profundamente humilhante prá mim. Só pode ser invenção da família Castanhede, prá me desmoralizar. Que é que você diz?

LÍVIA - (trêmula, não fala)...

D. AFONSO - Por que você não responde? Diga que não. Você não vai matar seu pai de desgosto. Sabes muito bem, desde que sua mãe morreu, meu maior sonho é ter um neto varão. Por isso já conversamos sobre o Augustinho, da família Limeira; São bons vizinhos há muitos anos, a cana-de-açúcar é um negócio próspero... A gente pode juntar as terras, ele também é filho único e faremos disto aqui um grande centro agropecuário; de botar respeito no Estado da Paraíba. -
hã?

LÍVIA -

D. AFONSO - O Augustinho Limeira já mostrou que gosta de você, é um excelente rapaz, família tradicional, conheço os Limeira há mais de 50 anos.

Se você concordar, será um casamento pomposo, churrasco prá todo³ mundo de Santa Fé. Tio Júlio casou com tia Finoca Limeira e foram felizes, você sabe. Acho ser preciso apenas que vocês se conheçam melhor, prá se pensar em coisa mais séria. Tenho certeza que o Augustinho quer, basta só você aceitá-lo.

LÍVIA - Não gosto do Augustó.

D. AFONSO - Por que não gosta? Vocês dariam um bonito par. Ele é elegante, é educado...

LÍVIA - Já conversei várias vezes com ele. Eu lhe disse que a gente poderia se bons amigos. Apenas amigos.

D. AFONSO - Você precisa entender que hoje, as grandes fortunas precisam se unir para sobreviver. É questão de instinto de sobrevivência...

LÍVIA - E o amor, pai, onde fica o amor?

D. AFONSO - O amor? E o que é o amor? Ora, fantasia passageira como a mocidade uma história besta inventada por poetas e desocupados. Nunca ouvi dizer que amor servisse a mesa de alguém. É só ilusão. Eu e sua mãe nunca pensamos nisso e sempre nos damos bem. Ela me apoiava em tudo. Conheci-a numa festa de igreja e daí a um ano casamos.

LÍVIA - Os pais dela não queriam o casamento.

D. AFONSO - É. Diziam que eu tinha fama de pão-duro e teimoso, o que absolutamente não é verdade. Aí houve a intervenção do Padre Miguel e tudo ficou resolvido.

LÍVIA - Não quero lhe contrariar, pai, mas é que os tempos mudaram. Sabe, falando com tia Mercedes, ela concorda que um casamento não pode ser mero contrato de terras.

D. AFONSO - É, as pessoas casam por amor e se separam por dinheiro. Como é que sua tia pode falar sobre casamento se ela nunca casou. Acho que Mercedes anda com idéias estranhas depois que se meteu com os espíritos. Eu quero saber se ela põe em sua cabeça idéias contra o casamento.

LÍVIA - Não é nada disso. Às vezes, eu é que desabafo com ela.

D. AFONSO - Já avisei sua tia. Está proibida de falar contra as minhas idéias nesta casa. Quero falar com ela. Onde está Mercedes?

LÍVIA - Acho que foi à feira.

D. AFONSO - Olha, tenho uma idéia, assim de pai prá filha. Você vai descansar sua cabeça com uma viagem à Europa. Sim.. Roma, Paris. Londres, ver coisas importantes... excursões, festas, jóias, bons costureiros, que tal?

LÍVIA - Não tenho vontade nem ânimo prá essas coisas.

D. AFONSO - Vontade a gente adquire. Logo depois da Segunda Guerra estive com sua mãe na Itália, visitamos fazendas no Sul, até comprei reprodutores que melhoraram nossos rebanhos. O dinheiro que gastei na viagem rendeu altos juros e eu voltei com a cabeça mudada. Você pode viajar com sua tia, na volta terá -

esquecido essa gente que eu odeio.

(4)

LÍVIA - Pai, nada pode apagar o que sinto por Adalberto. Ele é tudo prá mim. Eu não posso nem vou viver sem ele. Peça-me tudo, menos isso.

D. AFONSO - Ah, então é assim! Insiste em humilhar seu velho pai? Eu saberei agir. E lhe aviso que consanguinidade não é parentesco. Filha só e filha minha se reconhecer e acatar minhas idéias de pai. E mais: a partir de hoje você será tratada nesta casa, como simples empregada. Vai passar a dormir no quarto - delas, trabalhando no mesmo serviço sem regalias. Daqui a alguns dias vamos ter outra conversa. Se você não mudar de idéias, pode esperar novas represálias. Posso até mesmo deserda-la. É isso mesmo que você está ouvindo: deserdo você e não a reconheço mais como minha filha. Prefiro entregar estas terras aos peões e jagunços do que deixar meus bens aos inimigos jurados da família Pascoal. Da a alguns dias voltamos ao mesmo assunto.

LÍVIA - Não tenho culpa de gostar dele, pai.

D. AFONSO - Você não fará o que quer. Eu tomarei as minhas providências. (sai)

MERCEDES (Entrando) Por que você está chorando? Fale, minha querida...

LÍVIA - Papai ficou descontrolado e disse coisas horríveis.

Nem sei o que fazer.

MERCEDES - Pobre da minha pequena.

LÍVIA - Ele faz de tudo um pesadelo. Espuma de ódio contra Adalberto. Mas que culpa tem Adalberto, que culpa tenho eu que nossas famílias se odeiem? Eles brigaram, nós não.

MERCEDES - Eu sei, eu sei, a situação é tão difícil... rezo o que posso, pedindo alguma forma de ajuda.

LÍVIA - Ah, tia, estou sofrendo tanto!

MERCEDES - Fale baixo, alguém nos pode estar ouvindo.

LÍVIA - Tia, Adalberto propoz irnos embora, prá bem longe daqui.

MERCEDES - Se isso acontecer, seu pai nunca aceitará você de volta.

LÍVIA - Volta? Não penso em voltar.

MERCEDES - Eu sei que é difícil; e se vocês acabassem com tudo?

LÍVIA - Já tentei. Se renuncio a ele a vida perde o sentido.

MERCEDES - Sei o que é isso. Também fui moça. Também amei, só que não fui amada. Meu príncipe encantado já tinha mulher e filhos em outra cidade. Era um rapaz muito lindo, viajante de uma firma comercial, levei um choque quando descobri tudo. A partir daí tentei outros namoros, depois resolvi seguir sózinha e passei a me dedicar às crianças de Santa Fé. Nunca mais o encontrei.

LÍVIA - Já tinhas me contado, mas conosco tudo é diferente, Adalberto é maravilhoso, seu único crime é pertencer à família que meu pai detesta.

MERCEDES - No fundo teu pai não quer que sejas infeliz.

LÍVIA - Mas rejeita Adalberto e quer impor um marido prá mim. Como é que vou

viver com uma pessoa que não gosto? O Augusto pode ser bom partido mas, não sinto nem vou sentir nada por ele.

MERCEDES - Sei que esse negócio de arranjar casamento pros filhos é uma tradição errada, mas como mudar a cabeça de Afonso? Que é que eu posso fazer?

LÍVIA - Quero que a senhora me apoie tia, claro, às escondidas.

MERCEDES - Entendo a situação e sofro contigo. Nunca morri de amores pela família Castanhede, eles já mataram vários parentes nossos; Adalberto, claro, - não têm culpa de nada.

LÍVIA - A senhora é um amor.

MERCEDES - Pensas mesmo em fugir com ele?... Sabes, vou sentir muito a tua falta e temo por teu pai, que não vai se conformar e pode adoecer.

LÍVIA - Não posso fazer nada. A senhora tem que concordar que eu tenho direito de escolher a minha vida. Se me rejeitar como filha, pior prá ele. Busco é a minha felicidade.

MERCEDES - Vais mandar notícias?

LÍVIA - Não. Poderiam descobrir onde estamos.

MERCEDES - Pssiu... Estou ouvindo passos. Acho que é seu pai.

LÍVIA - Eu vou pro quarto. (SAI)

D. AFONSO - (Entrando) Ah, é com você que quero falar. Ando muito preocupado com o comportamento de Lívia. Prá mim o que ela está querendo é humilhar o nosso nome, me humilhar, entregar minhas terras àqueles miseráveis. Eu sei, eu sei que os dois continuam tramando às escondidas. Você deve estar sabendo também, e não fala nada. Isso é uma conspiração. Não debes dar cobertura a ela. Olha, se isso continuar, vou ter que tomar uma decisão adequada.

MERCEDES - Que é que você pretende fazer?

D. AFONSO - Tenho planos.

MERCEDES - Que planos, meu Deus?

D. AFONSO - Digamos que esse cabra da peste aparecesse morto.

MERCEDES - Nossa Senhora!. Você pensa em matar Adalberto?

D. AFONSO - Matar? Você não conhece seu irmão. Nunca matei ninguém.

MERCEDES - Não sei como ele ia aparecer morto.

D. AFONSO - Ora, ora, a família Castanhede tem muitos inimigos em Santa Fé.

MERCEDES - Já houve tantas mortes de lado a lado!

D. AFONSO - A culpa não é minha. Em Santa Fé até hoje ninguém foi preso pela morte de alguém.

MERCEDES - Ó Deus meu, isso não pode acontecer!

D. AFONSO - Você está do lado deles?

MERCEDES - Não estou dizendo isso. Deve haver outra saída.

D. AFONSO - Você é capaz de convencer Lívia a desistir desse sujeito?

MERCEDES - Acho que não.

D. AFONSO - Então que queres que eu faça?

MERCEDES - Já esqueceste o que te disse o médium de Minas Gerais? Quando você falou que preferia ve-la morta a estar casada com Adalberto, ele explicou que nesses casos a morte, em vez de separar, une ainda mais. Que nós temos que aceitar os desígnios da vida. Ele falou que ninguém consegue separar almas gêmeas.

D. AFONSO - Bobagem essa história de almas gêmeas. A realidade é bem outra. Deus nada tem a ver com o que irresponsáveis fazem ou deixam de fazer. Temos obrigação de nos defender contra os nossos inimigos. E a melhor defesa é o ataque. Essa é a lei do sertão.

MERCEDES - Uma lei que pode ser mudada.

D. AFONSO - Não pode. Quem se mete a cordeiro acaba comido pelo lobo. Você está esquecida que meses atrás os Castanhede mandaram matar Tio Reinaldo de emboscada, e o mataram covardemente, por causa da divisa de terras na linha do arroio. Houve resposta nossa? Não houve resposta. Pois é prá essa gente que vocês estão querendo entregar de mão-beijada este latifúndio inteiro. Eles devem estar vibrando de contentes com o que está acontecendo. Há muita gente em Santa Fé rindo de mim pelas esquinas. Eles sabem que sou um homem velho e que Lívia é minha única herdeira.

MERCEDES - Se aparecer um Castanhede morto, amanhã é um de nós que estará no necrotério. Isso não acaba nunca.

D. AFONSO - Parece que você não sabe qual o seu lado.

MERCEDES - Só lembrei o que o médium aconselhou.

D. AFONSO - Nos últimos anos, desde que você lê livros de espíritos, observo idéias estranhas, e até esqueces a tradição da nossa família. Fique sabendo - que fui à Minas supondo que aquele médium ajudaria a acabar com essa humilhante situação. Algum feitiço, despacho, sei lá. Eu não acredito nisso...

MERCEDES - O médium disse que seria melhor aceitar aquilo que não tem remédio. Que talvez essa união terminasse o ódio entre as duas famílias.

D. AFONSO - Aceitar a união? Reunir as famílias Pascoal e Castanhede? Você - está desmiolada, Mercedes! Não estou entendendo o que se passa contigo.

MERCEDES - Gosto de você e gosto de Lívia. Apenas isso.

D. AFONSO - Isso é maneira de gostar? Se gostas de Lívia não podes aceitar o casamento dela com criminosos.

MERCEDES - Não sei... tudo está difícil... Quem sabe eu e Lívia viajamos pro Sul? Uns tempos por lá talvez ajude...

D. AFONSO - Não ajuda. Ele descobrirá e vai atrás. Quase não acredito no que está acontecendo. Domingo passado, depois da missa o padre Miguel andou benzedendo tudo por aqui, mas acho que nem isso está adiantando. O demônio é muito forte quando deixa as pessoas possessas.

MERCEDES - Rezo muito, peço a Deus que nos mostre soluções.

D. AFONSO - Soluções já estou encontrando.

7

MERCEDES - Pobre Lívia. Espero que tudo termine bem. Será horrível outra tragédia.

D. AFONSO - Não é horrível que eu morra de humilhação?

MERCEDES - Não é isso. Há problemas que precisam a ação do tempo. O que não cede hoje, pode ceder amanhã; ou até mudar.

D. AFONSO - Mudar? Então você não conversou com Lívia...(toca o telefone) Agora vá para dentro, vou tratar dum negócio particular (ela sai).-Alô? sim, é ele. Quem fala aí? sei... sei... O senhor foi procurado por pessoa da minha confiança?! sim... Pois, vamos direto ao assunto... Realmente estou interessado em que o senhor...claro ... jagunços experientes...eles não devem saber quem é o senhor e nunca ouviram falar em mim... Como? Ouça: o senhor não entra em contato direto com eles. Use uma terceira pessoa. Como? Vai sair mais caro? Não tem importância. Daqui a dias estará em suas mãos metade do que ficou combinado... O resto é quando o serviço estiver concluído... Sei.. Sim... Lembre-se que não pode haver brechas.... Ninguém fará perguntas a ninguém. Junto com o dinheiro receberá uma fotografia da pessoa ... Sim.. investigue primeiro os hábitos e locais que frequenta.... O trabalho deve ser à noite, em estrada deserta...Sei... Não se preocupe; o prefeito, o delegado são todas pessoas amigas. Como? O senhor contrate jagunços do sertão, após o trabalho eles devem fugir pra outro Estado... Sim, só me telefone quando tudo estiver certo...Sim. certo... Combinado.(Desliga. Passam-se alguns segundos, ele ouve ruídos)

D. AFONSO - Quem está aí?

Adalberto - (Entrando) - O senhor me dá licença?

D. AFONSO - O quê? O senhor ? Que veio fazer aqui?

ADALBERTO - Sei que não devia, mas não pude deixar de vir. Entrei escondido.

D. AFONSO - Nada tenho a tratar consigo. Retire-se já!

ADALBERTO - Sairei, mas preciso falar sobre Lívia.

D. AFONSO - Deixe de importunar minha filha, seu patife. Iludindo uma inocente

ADALBERTO - Vim lhe dizer que renuncio tanto à minha herança como a herança dela; só quero Lívia.

D. AFONSO - O senhor é um louco igual a toda sua gente.

ADALBERTO - O senhor não gosta de nós mas, eu nunca lhe fiz mal. Sou trabalhado e honesto.

D. AFONSO - Não me interessa.

ADALBERTO - Eu amo Lívia.

D. AFONSO - Sei a manobra que o senhor anda fazendo. Mas fique sabendo: Não conseguirá se apossar da Fazenda Santa Fé.

ADALBERTO - Repito: não quero nada. Só quero o seu consentimento.

D. AFONSO - Nunca, jamais minha filha casará com gente da sua laia!

ADALBERTO - Não tenho nada que me desonre. Pode investigara minha vida.

D. AFONSO - Vamos deixar de falar de honra e de honestidade. O que importa é que vou lhe fazer uma proposta: lhe dou cem milhões.

ADALBERTO - O quê?

D. AFONSO - Isso mesmo, prá não importunar mais minha filha. Vá embora de Santa Fé.

ADALBERTO - O amor que sinto por Livia é maior que sua proposta...

D. AFONSO - Já sei, quer mais dinheiro. lhe ofereço 300 milhões.

ADALBERTO - Nem toda a riqueza do mundo me fará desistir de Livia.

D. AFONSO - Chantagista é o que o senhor é. Canalha! (avança sobre Adalberto)

ADALBERTO - Senhor Pascoal, por favor, não quero revidar.

MERCEDES - (entrando) Mas o que é isso? Adalberto, o senhor aqui?

D. AFONSO - O patife quer a herança de minha filha. E anda com propostas indecentes.

ADALBERTO - Proposta indecente foi a sua. Eu só vim aqui pedir seu consentimento.

D. AFONSO - Cale-se, mentiroso.

MERCEDES - Não devia ter vindo.

D. AFONSO - Suma daqui, chame os criados, a polícia.

ADALBERTO - Não precisa, eu saio. Mas fique sabendo que não renunciarei á Livia. E se pensa que pode me comprar com seus 300 milhões, fique sabendo - que se enganou.

(D. Afonso tenta agredi-lo novamente, mas, é impedido por Mercedes)

D. AFONSO - A ousadía desse patife |

MERCEDES - Saia e não volte mais, senhor Adalberto.

MERCEDES - Vou buscar seu remédio; agora tome, vamos, fique calmo. Vá repou
sar.

D. AFONSO - Ele não perde por esperar...

(Apaga-se a luz)

QUADRO II

ADALBERTO - Acho que estão nos seguindo. Não sei, pressinto alguém oculto nas sombras.

LÍVIA - Não é nada, meu amor. Ao teu lado me sinto protegida. Quando não te vejo parece que o tempo não passa.

ADALBERTO - Perdoe-me ter ido falar com seu pai. Pensei que seria diferente. Tinha esperanças que ele consentisse.

LÍVIA - Agora já passou, amor. Deixa ele prá lá!

ADALBERTO - Nunca imaginei que seu pai fosse tão bravo. Ele acha que eu te quero por causa das terras. Até seria melhor se nossos pais fossem pobres. - As brigas vêm sempre por causa do dinheiro.

LÍVIA - Fosse por mim, todos seriam amigos.

ADALBERTO - Chegam a matar por alguns palmos de terra. Amor, acho que aqui nunca teremos condições de viver. Precisamos seguir prá longe. Sonho com uma casa bonita prá nós dois, com muitas flores, longe de tudo.

LÍVIA - Vai ser lindo!

ADALBERTO - Precisamos esquecer os parentes. Nenhum deles quer o nosso casamento.

LÍVIA - É pena que não possam entender como o amor é lindo! Sei que papai - não irá perdoar.

ADALBERTO - Eles querem se destruir. Desde criança que vejo essa fogueira de ódio crescendo sempre mais... Que culpa temos? Ninguém é dono de ninguém, - nós temos que viver a nossa vida. Uma vez meu pai me surrou ^{porque} pulei a cerca e fui brincar nas terras de vocês. É inimizade e preconceito, tudo ^{junto.} Olha, uma só coisa importa: eu te amo acima de tudo. Não posso viver sem você.

LÍVIA - Eu te adoro.

ADALBERTO - Meu plano é o seguinte: Daqui três dias seguiremos para Fortaleza. Tenho amigos lá. Eles providenciarão num local tranqüilo para ficarmos. Eles estão nos esperando e conto as horas que marcarão o início da nossa felicidade.

LÍVIA - Já me resolvi: irei onde você for.

ADALBERTO - Espere... você ouviu? Parece ter alguém nos espreitando.

LÍVIA - Não é nada. É só impressão sua; É o vento...

ADALBERTO - Não é o vento. Vi um vulto. Tenho até arrepios.

LÍVIA - Você ficou nervoso depois do encontro com papai. Abrace-me mais.

ADALBERTO - Vamos sair daqui. Nos últimos dias ando com maus pressentimentos. Ouça meu amor: aconteça o que acontecer, lembre-se que eu te amo e te amarei acima de tudo. Nunca te abandonarei.

LÍVIA - Não fale assim. A sorte nos protegerá. Deixarei um bilhete pedindo perdão a papai e logo estaremos longe.

ADALBERTO - Siga por ali, meu bem. Vá depressa prá casa. Eu vou pela estrada do açude. (saem)

D. AFONSO - (entrando) Agora ví com meus próprios olhos. Esses dois miseráveis me enganando. (olha o relógio) Mas ele não irá longe. Os jagunços estão de tocaia. Esse maldito sentirá o peso da mão de D. Afonso Pascoal. Nele vingarei a morte de tio Reinaldo. (caminha de um lado prá outro, consulta o relógio.) Os patifes têm que morrer. (Fica atento a ruídos que vêm da estrada. Após ouvir sons da noite, seis tiros^{são} detonados. Gritos, depois o silêncio).

D. AFONSO - O canalha morreu! Morreu! Trabalho perfeito, perfeitíssimo. A justiça foi feita e Lívia está livre, livre para sempre! ah, ah, ah, ah. LIVRE! LIVRE!... (Apaga-se a luz) *

Q U A D R O III

LÍVIA - (olhando na janela) - Vejo pessoas correndo lá fora. O que é, tia?

MERCEDES - Deixe de olhar o movimento e vamos conversar. Sempre tivestes muita curiosidade a respeito dos espíritos. Se quiseres, posso tentar responder sobre tuas dúvidas.

LÍVIA - Dúvidas eu tenho muitas. De certeza sei apenas o que acontece do berço ao túmulo. A senhora que é professora, e sabe tantas coisas, qual a diferença entre uma pessoa com fé e outra sem fé?

MERCEDES - Uma recebeu a luz; a outra, não.

LÍVIA - Recebeu quê luz e de quem?

MERCEDES - Luz é ampliação da consciência interior. De repente, passamos a entender o que não compreendíamos. Isso vem de Deus. Podemos ser uma montanha de cultura e não termos esta luz. Alguns conseguem juntar fé e cultura, esses podem ser sábios.

LÍVIA - Como é que a senhora comprova que o espírito de uma pessoa continua vivo após a morte do corpo?

MERCEDES - Disseste bem: Só o corpo morre. A pergunta chega na hora certa. Nunca se ouviu contar o enterro de um espírito. O caminho que leva à consciência disso não é fácil nem rápido. As informações que dão as grandes religiões., oferecendo céu, purgatório e inferno como alternativas, não satisfazem o raciocínio de muitos. É preciso descobrir que somos imortais, e que é um dever vivermos fraternalmente uns com os outros, Que a morte significa apenas mudança de endereço, mas essa falta de discernimento é ^{que} cega as pessoas. Quando leciono história busco conscientizar que tanto as nações como os homens repetem os mesmos erros ao longo do tempo.

Ambições, vaidades, egoísmo fazem rolar impérios e o que muda são as personagens. E por quê? Porque a visão das pessoas limita-se no tempo, As guerras, ódios e toda a miséria humana existem porque a carne cega o espírito. Não morremos, nós continuamos a viver no outro lado da vida. E ninguém tem o poder de afastar espíritos que se amam porque o amor está na lei da imortalidade. LÍVIA - Estás tão inspirada! Devias falar tudo isso pro papai. Olha, como o movimento lá fora continua.

MERCEDES - Presta atenção minha filha, Muitas vezes já disse a teu pai: ajuntas tanto dinheiro para um dia deixar tudo prós outros. Ele me diz: "cada um faz o que tem que fazer. Só o que nos detêm, é uma força maior. E deixe de filosofar que filosofia não enche barriga." Ah, se eu pudesse, botaria dentro da cabeça dele isso: és imortal, estás dentro da lei de ação e reação. Não podemos amealhar riquezas em cima das lágrimas de nossos semelhantes. Deus não colocou a miséria sobre a face da terra. A má distribuição dos frutos do trabalho é que gera a fome e a necessidade. A prova de que a miséria não vem de Deus está no fato de que com um terço do que os líderes do mundo gastam em armas, poder-se -ia varrer da face da terra, a ignorância e a enfermidade.

LÍVIA - Mas prá que a senhora está falando em tudo isso?

MERCEDES - Não sei, talvez ^{pra} te alertar que as dores e sofrimentos vêm para a nossa elevação espiritual. Quem mata ou lesa seu semelhante está praticando "bumerangue". Nós vivemos diversas vidas e cruzamos muitas mortes, sempre semeando e colhendo. É por isso que não devemos encarar a morte como uma separação atroz, ela é apenas uma estação de percurso. Podes não crer mas o fato é que podemos nos comunicar com os chamados "mortos" pela mediunidade, pelos sonhos, pelas visões...

LÍVIA - Tia, a senhora não ouviu gritarem o nome " Adalberto"?

MERCEDES - Sim. Acho que estava te retendo para dar forças prá receber o fato.

LÍVIA - O que foi? Aconteceu alguma coisa?

MERCEDES - Vamos à janela!

LÍVIA - Mataram a quem? Adalberto? Não, não é VERDADE! Onde ele está? Me deixa tia, eu quero ve-lo... Não é possível! (é socorrida por Mercedes)

MERCEDES - Calma, minha filha.

LÍVIA - Tia, que fizeram com ele? Quero ver Adalberto (sai)

MERCEDES - É a hora do abismo. só peço a Deus misericórdia.

QUADRO IV

LÍVIA - (Ao lado de uma cruz, no cemitério). Por que elas mentem? Não acredito em vozes. Não trago flores comigo. Por que vocês me chamam: LÍVIAAAAA! - LIVIAAAAA! Dia e noite, noite e dia. Querem que eu more aqui? Ah, é você

amor? Eu procurei-o na beira do açude, nas estradas... Sabia que não tinha embora. Veja ali, os mentirosos estão de costas. Olhe, eu trouxe meu véu de grinalda, olhe bem, não ficou lindo? Veja a cauda, a igreja vai estar cheia de gente, o órgão tocará músicas lindas, a marcha nupcial, você me receberá na porta da igreja. Assim... caminhamos juntinhos... assim... Você não está alegre, amor? É amanhã o grande dia... sabe, aqui está muito frio, eu trouxe um chá, você vai ficar alegre... Amor, não fique aí me olhando, todos estão contentes. Você está chorando?... Está sim, estou vendo nos ^{teus} olhos. Você não me ama mais? Vai me ajudar? Eu não preciso de ajuda. Vesti o véu sózinha, olha, o buquê é de flores de campo. Assim... Quero estar linda pra ti. Diz espelho meu, existe em Santa Fé, não, não diga nada. Calem-se. Por que vocês aí, idiotas, estão rindo? Papai não estará na igreja porque morreu afogado num rio vermelho. E a música, por que não tocam música? Você quer que ^{eu} vá pra casa? De quem é essa criança que está com você? Da-me. Assim.. no colo...
(canta)

Nana, nenê
Do meu coração
Nana que a noite
É uma canção.

Por que me deu essa criança? Tome. Prefiro cegar a perder os teus olhos. Você tem que ir embora? Aqui a noite é tão longa... Então, abrace-me...

D. AFONSO - (chegando) - Lívia, onde você andava? que está fazendo com esse véu de noiva? Tire isso (ela reluta). Você está gelada. Esse lugar horrível, todos procurando você em Santa Fé. E você aqui no túmulo desse...desse moço. Deixe disso, minha filha... tudo já passou. Era um bom rapaz mas já morreu.

LÍVIA - Ele não morreu. Nós vamos casar amanhã!

D. AFONSO - Você precisa ver coisas novas, se divertir como qualquer moça da sua idade. Arranjei dois médicos dos nervos, amanhã eles virão lá em casa, - tratarão você com o maior carinho.

LÍVIA - Amanhã você me leva ao altar?

D. AFONSO - Você irá ao altar mais tarde, quando estiver boa, Olha, o Roberto e o Augustinho vão estar lá em casa, amanhã. Você não lembra? Amanhã é dia de seu aniversário, minha filha.

LÍVIA - É lindo, após a festa da igreja vamos comemorar?

D. AFONSO - Tire o véu, minha filha.

LÍVIA - Não, pai. Tenho buquê com flores do campo.

D. AFONSO - Essa tristeza toda vai passar. Os médicos vão curá-la, você ainda

terá muita sorte. Vamos prá casa.

LÍVIA - Adalberto estará lá?

D. AFONSO - É.. vai estar. Você vai tomar calmante, um chá bem quente e deitar. Vamos embora.

QUADRO V

D. AFONSO - Ái que encanto de choro, Mercedes. Me babo de felicidade. Sou o maior avô-coruja de Santa Fé. Lívia casou com Augusto e esse nenê foi o melhor presente que Deus mandou. Só tem um problema, ele chora demais. Não é normal, eu chego perto dele, pronto. É choradeira que não acaba mais. Esses médicos de Santa Fé são uns incompetentes. Não descubrem o que meu Eduardinho tem. Se não é respiração, não é da circulação, nem da digestão, então o que é? Acho que precisamos buscar recursos fóra daqui.

MERCEDES - Mas onde?

D. AFONSO - Me indicaram uma clínica de crianças na Suíça.

MERCEDES - Evidente que alguma coisa nele deve doer. O que seria, meu Deus?

D. AFONSO - Primeiro veio aquele médico magrinho, parecido com garnizé, disse que meu neto tinha alergia à alimentação, depois era um foco intestinal, medicou e, ele continuou chorando. Quando chego perto, parece que o mundo - cai em cima dele.

MERCEDES - Não, talvez seja outra coisa.

D. AFONSO - Esses médicos são todos incompetentes. O problema tem que ser resolvido por médicos de fora. Gastarei o que for preciso para que meu neto fique curado. Todas as minhas esperanças se se concentram nele. Não é uma riqueza de nenê?

MERCEDES - É lindo, lindo.

D. AFONSO - Sonho com ele já homem, fiscalizando lavouras, montado num bonito cavalo apartando rebanhos, dirigindo a peonada. Já pensaste o quanto será bom? Tudo que é meu está concentrado nele. Aqui está o meu futuro.

MERCEDES - Eu sei. Eduardinho é o único que você ama sem medidas. Espero que a vontade de Deus ampare teus planos.

D. AFONSO - E por que ele não iria amparar? Prá isso Eduardinho está conosco.

MERCEDES - Falo assim porque nunca se sabe o dia de amanhã. Por falar nisso, você não acha bom consultar aquele médium de Minas Gerais?

D. AFONSO - Lá vem você com médiuns!... Apelar prá credices quando a medicina tem tantos recursos! É melhor deixar de lado os curandeiros.

MERCEDES - Sebastião Xavier não é um curandeiro. Ele tem poderes especiais.

D. AFONSO - Antigamente a gente curava úlceras com benzeduras. E nem se precisa ir tão longe para conseguir médiuns. Aqui em Santa Fé tem vários. De resto, aquele médium não adiantou nada. Mandou fazer rezas e passes,

o que adiantou? A solução mesmo, veio por outros caminhos.

MERCEDES - Deus seja misericordioso conosco. (persigna-se).

D. AFONSO - O que falei é a solução. Apronte as malas prá viajar com Eduardinho ainda esta semana. Lívia não irá junto por causa da doença dos nervos. Ninguém melhor que você prá cuidar do meu neto. Tenho muita esperança na medicina Suíça. Quando ele voltar curado e eu puder abraça-lo, vou dar a maior festa que houve em Santa Fé. Não é, meu pompozinho? (no berço, ouve-se o cheiro da criança. Apaga-se a luz)

II A T O

QUADRO VI

(música de rock, Eduardo dança sózinho. Toca a campainha).

EDUARDO - Quem será? Ah, é você? Que idéia foi essa de vir?

D. AFONSO - É, eu estava com muita saudade, precisando falar com você.

(Eduardo desliga o som) - Que barulho era esse?

EDUARDO - Adoro curtir música legal. Ela mexe comigo por dentro.

D. AFONSO - Me preocupo com você sózinho nesta cidade, Nunca gostei de cidade grande, acho que aqui a gente não vive.

EDUARDO - Me sinto numa muito legal. Aqui as pessoas não têm grilo, estão a fim é de curtição.

D. AFONSO - Curtiçã? Que é curtição?

EDUARDO - Curtir a vida, sei lá. botar a cuca numa legal. Zoeira.

D. AFONSO - Isso eu não entendo. O que sei é que continuas distante do seu avô, não vai em casa, não manda notícias, parece que a fazenda não existe prá você. Quando tinha a sua idade eu cuidava das terras de papai, às cinco da manhã tirava leite, dava ^{feno} pros animais, limpava cocheiras...

EDUARDO - Não tem essa comigo. Que que eu quero com vaca e cocheiras?

D. AFONSO - Não debes esquecer que vieste a estudar uma profissão da terra: agrimensor, veterinária, técnico agrícola.

EDUARDO - Não me interessa nada disso.

D. AFONSO - Que lhe interessa então? Você sabe que é meu único herdeiro, planejei tudo para que seja meu sucessor. És o único homen da família, fora da terra não há o que escolher. Afinal, o que é que você está pretendendo ser?

EDUARDO - Dançarino, cara.

D. AFONSO - O quê?

EDUARDO - Dançarino.

D. AFONSO - Dançari... Mas o que é isso, meu Deus?

EDUARDO - Quero dançar no Ballet do Teatro Municipal.

D. AFONSO - Ora, Ora, você está brincando comigo. Isso nem profissão é!

EDUARDO - O senhor não entende de artes. Dançar é profissão como qualquer outra. Prá ambos os sexos. Veja ó...(dança) Que tal?

D. Afonso - Só falta a saia.

EDUARDO - (Liga música de "rock pauleira" e prossegue dançando)- Que tal? Adoro música.

D. AFONSO - (Desligando a música) Isso não é música de gente civilizada!

EDUARDO - (Toca o telefone, Eduardo atende). Alô! ôi cara, como está a barra aí? Não, não deu prá ir nessa zoeira. Até que deu sorte porque a polici bateu e levou todo o mundo. Quem? Diz prá Ana que não estou na dela. Minha bolinha é outra. Sei.. sei.. Não vai dar porque meu velho chegou hoje.. preteou a barra... Não dá cara, ele tá aqui do meu lado...Depois a gente - trova... Um beijo prá você.

D. AFONSO - Com quem estava falando?

EDUARDO - Com Adriano. Um cara legal...

D. AFONSO - É homem?

EDUARDO - Claro, qual é a dúvida?

D. AFONSO - Se ouvi bem, você.. deu.. quero dizer... mandou um beijo prá ele?

EDUARDO - Deixa isso prá lá. É curtição da gente.

D. AFONSO - Zoeira, curtição, que é que está acontecendo?

EDUARDO - É o melhor ^{jeito} de levar essa droga de vida numa legal.

D. AFONSO - Parece até que desci no planeta Marte.

EDUARDO - Prá mim, está tudo numa boa...

D. AFONSO - Meu neto, o herdeiro da fazenda "Boa Vista de Santa Fé", que rendo uma profissão de mulher| Porque dançarino, prá mim não é homen; essa dança requebrada e ainda beijo prá homen.. Acho que estou num pesadelo.

EDUARDO - Tenho minha liberdade de escolha.

D. AFONSO - Liberdade? Isso é devassidão. Você não quer profissão, deixa o estudo de lado... Meu erro foi ter mandado você prá cá. Foi estupidez.

EDUARDO - Mamãe me aceita como sou, numa legal.

D. AFONSO - Suamãe há anos que sofre dos nervos. Ela aceita tudo.

EDUARDO - É a única que me compreende. O senhor vive me repreendendo!

D. AFONSO - Pois ouça o que lhe digo: Vou providenciar^h sua volta prá fazenda. Isso aqui não é ambiente.

EDUARDO - Prá casa eu não volto.

D. AFONSO - Se você ^{não} voltar, saberei como agir. Lembre-se: você veio prá cá prá ter um diploma ligado à terra, aos animais, às plantações.

EDUARDO - Odeio o campo, odeio os animais, odeio a agricultura...

D. AFONSO - Santa Bárbara do Cerrado | Nunca pensei ouvir essa barbaridade...
 Ai, meu Deus (Poë a mão no peito, com dores). Veja o remédio na minha carteira... (toma). Fiz todos os sacrifícios para criar você, sempre com os melhores médicos, os melhores colégios e agora o que vejo? Meus sonhos terminando num dançarino... Não tem vergonha de decepcionar tanto o seu avô?

Eduardo - Nem sei o que é isso.

D. AFONSO - Não. Tem alguma coisa errada. Você não podia mudar tanto. Eduardinho, meu querido, estás fazendo brincadeira de mau gosto pro seu avô. Diga que é mentira, é trapalhada de rapaz... Não? olha, vim aqui fazer uma proposta.

EDUARDO - Qual é?

D. AFONSO - Proposta de avô prá neto. Passo pro seu nome metade das minhas terras, 3.000 cabeças de gado, casa, empregados e dois automóveis.

EDUARDO - Em troca do quê?

D. AFONSO - Você volta prá casa e casa com Corália. Aquela cujo pai tem uma próspera empresa de mineração. Eu e a família dela nos acertamos muito bem.

EDUARDO - E se eu não aceitar?

D. AFONSO - Corto sua mesada, desalugo este apartamento, o telefone, tudo.

EDUARDO - Isso é chantagem. Não é uma legal.

D. AFONSO - Desde criança você me traz problemas. Quando você nasceu, eu me enchi de esperanças. Lívia era filha única, mas ficou doente. Sua avó não - podia me dar outro filho. Quando você veio, pensei que o destino me viera em socorro. Todo o carinho, todas as atenções lá de casa, eram prá você. Suas menores vontades eram atendidas. O enxoval, roupas e brinquedos vinham da Europa. Sua tia Mercedes levou - o a uma clínica na Suíça para tratar da alergia que você tem por certas pessoas. Fiz muitos planos para o futuro - quando lhe mandei pra cá. Apesar que você sempre retribuiu com friezaminha grande afeição, havia muitos planos para que trabalhasse na Fazenda. Nunca escondi de ninguém esta esperança. Agora venho cá e o que vejo? Em vez do fazendeiro que vai à cidade grande se aperfeiçoar, tenho a minha frente um rapagão querendo ser dançarino, vestido qual travesti, dansando música de irracionais e ainda mandando beijo prá homem. Isso não é um pesadelo?

É de enlouquecer ; Pela primeira vez na vida não acredito no que vejo nem no que ouço.

EDUARDO - Olha, quer saber? O senhor vive num tempo que já passou.

D. AFONSO - O que é tradição não irá passar. A mocidade de hoje não respeita o suor, o trabalho das gerações que se esforçaram prá lhes dar o conforto que desfrutam. São todos uns ingratos, uns debilóides. No meu tempo, neto que fizesse o que eu vi hoje aqui era renegado pela família e excomungado pelo

padre.

EDUARDO - O senhor esquece que sou gente, não quero ser propriedade de ninguém, nem um plano que o senhor idealizou prá mim. Lá em casa todos são "amém" para o senhor. Minha pobre mãe nunca pôde ter vontade própria e a única vez que ela tentou ser ela mesma, deram um jeito para que o noivo desaparecesse. Ela terminou casando não com o noivo que escolhera, mas com o noivo que o senhor escolheu. Tudo por causa da sua maldita fazenda. Sei que pretende fazer comigo a mesma coisa, só que não irá conseguir. Ao senhor interessa o futuro de suas terras, plantações, rebanhos, o resto que se dane. A geração de vocês não tem direito a cobrar nada da nossa. Vocês trabalharam para servir à ambição de vocês, não a nossa. Não quero ser cobrado por tudo, eu não pedi prá nascer. Não quero terras, rebanhos, casas e automoveis. Vá pró diabo! Quero ser eu mesmo.

D. AFONSO - Se essa é sua última palavra, nada mais me resta fazer aqui. Sua mãe sofrerá muito ao saber o que está acontecendo por causa dela, vou dar prazo de trinta dias para mudar essas idéias loucas. Se após esse prazo você continuar teimando, falarei com meu advogado para deserdá-lo. A partir daí você não será mais o meu neto, ^{será apenas} um estranho que rolará nessa vida imunda que escolheu. Senhor Eduardo, saiba que não se brinca impunemente com Don Afonso Pascoal. O senhor há de ver.

EDUARDO- (Liga a música rock e dança agitadamente.... Apaga-se a luz).

Q U A D R O VII

MERCEDES - Sua mãe não resistiu ao sofrimento. Quando ^{soube} que Afonso iria deserdá-lo, ficou muito prostada, falava sózinha pela casa. Depois caiu de cama e delirava chamando pelo antigo noivo. Ela conversava com sombras, desinteressou-se de tudo. No terceiro dia piorou muito e, à tardinha, teve o derrame. Caiu um temporal horrível, a ponte desabou, e ficamos isolados; não houve maneira de avisar você a tempo. Desde que ^{lívia} morreu, seu avô está muito mal no quarto ao lado.

EDUARDO - Mas por que Deus levou minha mãe, tia Mercedes? Por quê?

MERCEDES - Não sei. Acho que os bons seguem antes porque sua missão terminou.

EDUARDO - Por que ela, e não eu? Ela me amava e eu a amo. A vida não podia ter feito isso com a gente. Deus, ou quem ^{quer} que a tenha levado, é mau e injusto.

MERCEDES - Não é isso. Ao nascermos já temos um tempo determinado prá viver nesta terra. Cada pessoa do nosso círculo partilha um trecho maior ou menor da nossa vida. Depois, vai embora.

EDUARDO - Detesto Deus!

MERCEDES - Não diga isso. Quem somos nós prá julgar os atos de Deus ?

A causa de tudo que acontece está em nós mesmos, É muito difícil descer aos porões da alma.

EDUARDO - Que adianta toda essa filosofia se minha mãe morreu?

MERCEDDES - Há certas coisas que gostaria de confidenciar. Não sei se você acredita.

EDUARDO - Acredita em quê?

MERCEDDES - O que vou dizer é a expliação do que tem acontecido na nossa família. Muita coisa mudou. Estou velha, seus pais morreram, seu avô está à morte. Quando sua mãe tinha dezoito anos se apaixonou por um moço muito bonito de nome - Adalberto, dos Castanhede. Como você sabe, a família deles e a nossa mantém - uma questão de terras há muitos anos. Houve mortes de lado a lado e seu avô odiou e odeia os Castanhede. Quando Afonso soube do namoro, fez de tudo prá acabar com aquilo. Pôz sua mãe a morar com empregadas, prendeu-a no porão da casa, depois internou Lívia num colégio de freiras em São Luiz do Maranhão. Nada disso adiantou. Eles se queriam cada vez mais. Adalberto chegou a propor que ambos renunciassem às respectivas heranças, porque a família dele também não queria o casamento.

EDUARDO - Mas por que está me contando tudo isso?

MERCEDDES - Já vais saber. Consegui convencer Afonso a visitar o médium SEBASTIÃO XAVIER, em Minas Gerais, para ver se ali encontrávamos alguma solução! Foi pior. Ele voltou com idéia fixa de acabar com o namoro e aqui, soube que os dois haviam se encontrado na nossa ausência.

Lívia me falava desse amor que ela dizia ser acima de suas forças. Eu nada podia fazer em seu favor, por causa de Afonso. Pessoalmente, gostaria que eles casassem.

EDUARDO - Aí o rapaz morreu. Morreu, não: foi assassinado.

MERCEDDES - Exato. Adalberto foi emboscado por jagunços e morto a tiros. A polícia abriu inquérito e até hoje não se sabe quem matou-o.

EDUARDO - Foi vô Afonso.

MERCEDDES - Essa acusação foi sustentada pela família Castanhede. Seu avô negou a autoria. Eu não julgo sem provas.

EDUARDO - Só ele tinha interesse nessa morte.

MERCEDDES - É verdade que o crime resolveu a situação a favor dos planos de Afonso. Ao saber da morte de Adalberto, Lívia se desinteressou de viver. Por muitos meses perdeu o uso da razão. Tratou-se com vários médicos. Vivia tomando calmantes. O sufoco era grande nesta casa, seu avô fazia tudo para alegrá-la mas, Lívia nunca mais foi a mesma. De alegre que era, tornou - se taciturna, não tinha ânimo para viver. Aí seu avô insistiu muito para que ela casasse com seu pai, ela vivia apática e acabou concordando.

Um ano depois você nasceu. Foi a única alegria dela em todo o tempo que viveu. Para nós você foi um raio de Sol em meio às sombras desta casa. Seu avô criou vida nova. Chegou ao exagero de proibir que nós o tocássemos. Só ele e sua mãe o agarravam no colo. Você ^{nunca} gostou de seu avô. Nasceu tendo uma alergia por ele.

EDUARDO - Sinto prazer em odiá-lo.

MERCEDES - Sabes qual a razão desse ódio?

EDUARDO - Odeio porque odeio. Ele foi muito mau prá mamãe.

MERCEDES - Neste caso a explicação veio através do médium Xavier. Agora veja o que me foi dito e tire as próprias conclusões. Um ano depois que voltamos do tratamento na Suíça, você continuava sempre doente. Às escondidas de Afonso, levei você ao médium de Minas Gerais, pedindo um remédio, um tratamento, para o problema. Ele olhou, acariciou sua cabeça e disse: "Tratamento médico não vai adiantar". E me confidenciou que você é o próprio espírito de Adalberto, agora numa vida nova, num novo corpo, como Eduardo. É isso mesmo. Vocês dois são a mesma pessoa, quero dizer, o mesmo espírito.

EDUARDO - A senhora quer dizer então que eu...fui... Adalberto?

MERCEDES - No início tive um choque. Hoje estou convencida disso. Não disse nada à ninguém, porque ia piorar tudo. O grande amor que você e sua mãe sempre demonstraram um pelo outro, mais a idéia fixa contra seu avô, me levam a lembrar as palavras do médium Xavier: "Eles são almas gêmeas. Adalberto não pôde entrar na família pela porta do casamento, então optou pela porta da maternidade. Nenhuma providência humana destrói o amor verdadeiro. "E eu tive o privilégio de conhecer você em duas vidas. Aliás de caráter os dois são muito parecidos.

EDUARDO - Nunca soube porque odeio meu avô e sempre achei ser ele o mandante da emboscada. Não gosto do padre Miguel nem de religião nenhuma.

MERCEDES - Reencarnação não é religião. Reencarnação é uma lei que existe antes das religiões aparecerem.

EDUARDO - Não entendo disso. Prá mim a realidade foi sempre muito estranha.

MERCEDES - Parece ironia do destino, Afonso odiou intensamente você como Adalberto, o noivo, e amou com igual intencidade o mesmo Adalberto, renascido com o seu neto. Claro, ele não acredita. O antigo inimigo destas terras, no futuro será seu herdeiro. A reencarnação é uma lei sábia e justa, se você está convicto disso, a gente evita prejudicar os outros. O gesto lançado ao ar, bom ou mau, é um "bumerangue" que volta a nós.

EDUARDO - Adalberto e Eduardo, a mesma pessoa em duas vidas! Eu me espanto e não me espanto; Por que a gente não lembra da vida anterior?

MERCEDES - Porque aí o sofrimento trazido pelas lembranças do passado

seria insurportável. O esquecimento das vidas anteriores é importante. Ouça (ruidos de tosse).. Seu avô está passando mal. Vai lá.

EDUARDO - Eu o detesto com todas as forças!

MERCEDES - Não paga a pena. A cruz da sua vida será menor se souber perdoá-lo. Sem perdão, a vida não tem sentido. A manhã seu filho odiará você, o mesmo com seu neto, com seu tataraneto. É preciso quebrar esse círculo infernal, de geração a geração. Está na hora de acabar com todo esse ódio. Vamos recomeçar tudo de novo, como o dia que nasce renovado de esperanças. Você é moço e pode mudar. Ele não mudará, na velhice é tudo muito difícil. Agora que você sabe de tudo, deixe o passado prá trás. O que nos pertence é o dia de hoje. Faça isso em memória de sua mãe. Converse com ele.

EDUARDO - Não, não vou. Ele merece morrer triturado. Assassino!!!...

(apaga-se a luz)

Q U A D R O Nº VIII (No cemitério)

(Enquanto a mensagem é lida, podem ser projetados slides dos dois)

Mãe querida. Sabes que te amo muito. Meu coração foi enterrado contigo. Sofro imensamente porque não pude ^{te} dar Adeus. Agora venho depositar a teus pés as flores da minh'alma. Sei que tudo vai ser muito difícil sem a tua presença; será como um dia sem sol. Por que tu, mãe, e não eu? Por que temos que perder aqueles a quem amamos? Ainda não acredito que tenhas partido. Há tanta gente ruim neste mundo, vivendo 70, 80 anos inutilmente, por que haveria de ser tu a escolhida pelo destino? Dentre as injustiças na Terra á maior delas é tua perda. És a alma gêmea de minh'alma, e a esse Deus que te levou, peço insistentemente que também me leve. Estou certo que não irei encontrar amor igual ao teu enquanto viver. Tia Mercedes me fala que a vida continua além do túmulo e esse é o único consolo que me resta. Porque não posso aceitar que morreste para sempre. Prá mim viajaste a um lugar para o qual viajarei também. Ela diz que reencontramos as pessoas que amamos, na outra margem do rio. Isso deve ser verdade, isso tem que ser verdade. O amor não seria infinito se não transpuzesse os portais da morte. Espero que nosso reencontro não demore muito, tenho muitos motivos para me reunir a ti e nenhum para ficar neste mundo. A esperança é o alento da alma e eu sinto sufocar. Quando estávamos juntos eu achava fáceis as dificuldades do presente e não temia os desafios do futuro. Hoje, ao reparar o que se passa ao meu redor e as baixezas do coração humano, peço a Deus que me mate. Sei que o culpado por tua morte é meu avô. Não posso esquecer isso e só penso em vingança.

É por ti que não acabo com a vida dele e a minha ao mesmo tempo. (Ouve-se um som ou ruído e, contra um foco de luz que desenha sua silhueta contra um pano branco, ocorre a aparição de Lívia ao filho. Música de fundo).

LÍVIA - Meu filho, sou eu, tua mãe.

EDUARDO - O que estou vendo? Mamãe? (Eu não posso acreditar).

LÍVIA - Não tenha medo, sou eu. Eduardo, ouça-me. Consegui permissão para que me visses e escutasses. Ninguém tem culpa que eu me tenha transferido - para o lado de cá. Todos nós temos um tempo determinado para viver na Terra. Ninguém de nós sai do mundo um minuto antes ou depois do prazo certo. Teu avô não é culpado de eu ter deixado o corpo. Ele fez o papel que lhe cabia. Peço-te que não lhe tenhas ódio apesar dos acontecimentos passados. Só a Deus cabe julgar. Não penses em morte ou suicídio porque tudo ficaria bem mais difícil para o nosso reencontro na Espiritualidade. Busca viver para os outros, não retribua o mal com o mal. Afiango que são verdadeiras as revelações do médium Sebastião à tia Mercedes. Ouça, querido filho. .
Em vida anterior, foste Adalberto, o noivo a quem muito amei. Perdeste a vida inesperadamente mas, para provar que a morte não separa os que se amam, voltaste a meus braços como Eduardo, meu filho muito amado. A morte não interfere no destino porque tudo tem seguimento para o espírito imortal. Filho querido, ouça esta mãe que te ama: não ^{te} entregues ao desânimo, nem acolhas pensamentos de revolta perante Deus. Espero pelo dia que nos reunirá no lado de cá da vida mas, agora debes aceita-la tal qual é, procurando abrange-la em plenitude. Deves perdoar teu avô e, mais que isso, amá-lo. A vida tem a duração de um relâmpago, é preciso acendermos a lâmpada do amor para evitarmos as trevas. Os carrascos de ontem, serão os serviçais de amanhã. Procura amar sempre mais, meu filho, lembrando que estarei sempre contigo em tua caminhada na Terra. Neste momento em espírito te abraço.

EDUARDO - Espere mamãe, não vá. Espere!...

MERCEDES - (Entrando) Estive a tua procura toda a manhã. Porque saíste sem avisar? Que houve?

EDUARDO - Hein? Nada.

MERCEDES - Te sentes bem? Pareces triste.

EDUARDO - Eu estou bem. Agora já não tenho motivos para estar triste.

MERCEDES - Deus te iluminou, meu filho?

EDUARDO - Creio que sim, parece que um sol brilhou acima das sombras de minha revolta.

MERCEDES - Vamos prá casa. (saem)

EDUARDO (Entra e pára próximo à cadeira de balanço em que está o avô)-Como está o senhor?

D.AFONSO - Vou indo... deixando a vida prá trás... sem que eu nada possa fazer... um passado.... um homem derrotado.

EDUARDO - Posso ajuda-lo em alguma coisa?

D.AFONSO - Não, agora não.

EDUARDO - Hoje de manhã fui visitar o túmulo de mamãe.

D.AFONSO - Fez bem. Sua mãe foi muito boa. Foi a única que me ajudou em todos esses anos de viuvez. Nunca me abandonou.(Tosse)

EDUARDO - Conversei com tia Mercedes. Lembrei tudo o que houve de errado entre nós. Acho que o culpado de tudo fui eu. Eu devia ter cedido.

D.AFONSO - Ainda bem que enxergou a tempo.

EDUARDO - Vô, o senhor me perdoa?

D.AFONSO - Sempre quiz muito você.

EDUARDO - Perdoe, posso pegar sua mão?(Beija-a)

D. AFONSO (Não conseguindo conter as lágrimas) - Só me falta uma última alegria(tosse)... para que eu morra feliz. Não espero céu nenhum...Você..

EDUARDO - Diga vovô.

D.AFONSO - Você volta prá casa?

EDUARDO - Esta manhã tive uma visão no cemitério. Vi mamãe e ela me disse que só seríamos felizes se eu acabasse com o ódio entre nós.

D.AFONSO - Visões o padre Miguel diz que é pecado. Mas se você ouviu isso, então era ela mesma.

EDUARDO - Penso em mamãe com dor e saudade ao mesmo tempo.

D.AFONSO - Ainda não respondeu: volta prá casa?

EDUARDO - Já estou em casa, vovô.

D. AFONSO - Agora posso dizer... morro descansado. Sua volta custou tanto, meu filho... olhe pela janela estes campos, estas terras que vão até o horizonte, tudo isso foi a minha vida, o meu sonho. Quero ser enterrado ~~XXXXXXXXXX~~ no alto da coxilha, para que eu possa dormir abraçado neste chão da minha jornada, vendo o sol se levantar por trás daquele monte. Eu tive a minha bandeira, agora ela é sua. Seja forte, lute pelo que é seu. Um Pascoal quebra mas não verga.Ouçã, ouçã... há pássaros cantando.. É a liberdade que eu conheço...Meu Deus,perdoe os meus... (morre).

EDUARDO (Toma o pulso) - Vovô, não vá! Espere... Tia Mercedes!!!

MERCEDES (Entrando) O que é? Afonso! Afonso!Vou chamar o médico,meu Deus (sai)

EDUARDO (beijando a mão do avô) - Agora, começa a vida. O que é o sonho? O que era presente já é passado.A felicidade... deve existir em outros mundos, quem sabe em algum astro distante....Volto pro campo, prá lavou-ra, pros rebanhos... Será minha maneira de amar você, odiado e amado vô Pascoal.. Até breve!... (sai. Ouve-se então "Aleluia",de Haendel).

F i n a l .